

MEIO AMBIENTE

Uma agência do governo do Japão vai ajudar na implantação de mais um corredor ecológico no Brasil. Iniciativa ajudará a preservar áreas importantes como, por exemplo, a Chapada dos Veadeiros

Tem japonês no cerrado

Kátia Marsicano
 Da equipe do Correio

A pesar de não ser reconhecido pela Constituição como Patrimônio Nacional, como foram a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal e a Zona Costeira (parágrafo 4º, artigo 225), o cerrado brasileiro começa a ter reconhecida a sua importância. Além de ocupar um quarto do território do Brasil, com cerca de 200 milhões de hectares, é a savana mais rica em quantidade de espécies do mundo e — por conta do descaço com que vem sendo tratada — está entre as 25 áreas do planeta com seus ecossistemas ameaçados de ser destruído.

Uma prova de que o cerrado pouco a pouco começa a conquistar mais atenção pôde ser verificada durante os dois últimos dias. Três técnicos da Agência Japonesa de Cooperação Internacional (Jica), do governo japonês, participaram em Brasília de um encontro com pesquisadores do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), para definir a implantação do quinto corredor ecológico do cerrado no Brasil, uma importante iniciativa para a sua preservação. Em todo país, existem 14 corredores para proteção dos principais ecossistemas nacionais.

O corredor ecológico é uma espécie de linha imaginária, criada em torno de regiões ameaça-



das pelo homem, com regras específicas de gestão. Nesses locais, há critérios para a ocupação, que proíbem desmatamentos e a destruição de mananciais. Onde existem cidades, a população participa da preservação, através de programas de educação ambiental. Este é o primeiro projeto de cooperação técnica da Jica voltado exclusivamente para

a preservação do cerrado. A agência japonesa entrará com US\$ 250 mil dólares e o Governo brasileiro com R\$ 250 mil necessários ao custeio do projeto.

O trabalho dos japoneses no Brasil terá dois anos de duração. A escolha da localização do novo corredor, que ainda depende de estudos mais detalhados, será feita entre duas *hot spots* (ou

seja, áreas críticas de risco): o Vale do Paranã, que inclui o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, num total de 2 milhões de hectares em Goiás, e o Jalapão, que abrange 3 milhões de hectares entre os estados de Tocantins, Piauí e Bahia.

Ambos estão igualmente conservados, mas muito ameaça-

dos pela agricultura e desertificação. Na semana passada, uma área de 2,9 milhões de hectares em Goiás, onde fica o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, foi reconhecida pela Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) como Reserva da Biosfera do Cerrado.

Até então esse título era exclusividade de 300 mil hectares no Distrito Federal. Além desses, existem outros corredores no cerrado: Araguaia/Bananal (10 milhões de hectares), Cerrado/Pantanal (1 milhão de hectares) e Itenez/Guaporé (20 milhões de hectares entre Brasil e Bolívia, sendo que apenas a parte sul é cerrado. O resto é floresta ama-

zônica). O Itenez/Guaporé foi o primeiro corredor a ser criado em 1997. Só o corredor Cerrado/Pantanal tem a participação estrangeira da Conservation International (CI), entidade dedicada à conservação da biodiversidade. Existe ainda um minicorredor chamado Ecomuseu do Cerrado, perto de Brasília, com 400 mil hectares.

“EM TODO O BRASIL FORAM APRESENTADAS CERCA DE 200 PROPOSTAS, MAS A ESCOLHIDA POR ELES FOI A DO CERRADO”

MOACIR ARRUDA
 Coordenador de Conservação de Ecossistemas do Ibama

Para o coordenador de Conservação de Ecossistemas do Ibama, biólogo Moacir Arruda, a participação da Jica no projeto será muito importante. “De todo o Brasil, foram apresentadas cerca de 200 propostas, mas a escolhida por eles foi a do cerrado”, anima-se. A agência japonesa hoje mantém parcerias em mais de 50 países.

“O governo japonês está muito preocupado com a conservação da biodiversidade, o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida”, explica o engenheiro florestal Mitsuru Watanabe, 34 anos, um dos peritos da Jica que vai acompanhar a implantação do corredor do cerrado, nos próximos dois anos.

Mais espaços livres

Quando se fala em corredor, uma das idéias que vêm à cabeça de qualquer pessoa é um local de passagem, de circulação. No caso dos corredores ecológicos, a proposta é exatamente essa: permitir que espécies de aves e animais circulem livremente e sem riscos. “Só para se ter uma idéia, uma onça precisa de pelo menos 100 mil hectares para transitar”, explica o biólogo Moacir Arruda.

Para o pesquisador social e coordenador da ONG Pequi — Pesquisas e Conservação do Cerrado, Marcelo Lima, a definição de um corredor requer muito estudo. Doutorando em Ecologia na Universidade de Brasília, ele participa da implantação do corredor Cerrado/Pantanal há um ano. “Não adianta interligar regiões. Exis-

te um lado sócio-econômico muito importante”, comenta. Na sua opinião, os técnicos da Jica devem se aprofundar sobre o cerrado, antes de decidir.

Sobre o corredor na região do Jalapão, o secretário de Meio Ambiente do Município de Mateiros (TO), Paulo Garcia, também é cauteloso. “Houve um desmatamento muito grande na área para implantação de monoculturas. Foi um projeto que destruiu muito”, diz.

Mas, na opinião do biólogo Moacir Arruda, os corredores são a melhor forma de preservação, porque protegem ecossistemas inteiros, além das características comunitárias. No corredor Bananal/Araguaia, estão envolvidas populações de 39 municípios (cerca de 250 mil habitantes).